



GENTE MELANCOLICAMENTE LOUCA

Teresa Veiga
gente
melancolicamente
louca

L I S B O A :
TINTA-DA-CHINA
M M X V

índice

© 2015, Teresa Veiga
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Gente Melancolicamente Louca*
Autora: Teresa Veiga
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (Vera Tavares)

1.ª edição: Março de 2015

ISBN 978-989-671-254-9
Depósito Legal n.º 388314/15

Objector de consciência.....	9
História triste com final alegre.....	43
A morte do cisne.....	51
A irmã Santo Suspiro.....	65
O dia em que Sherlock Holmes foi salvo pelo Capitão Fracasse.....	79
Natacha.....	103
A casa abandonada.....	129
Avaliações.....	157
Isabela — falso conto libertino.....	189
Negra sombra que me assombras — falso conto gótico.....	235
Cuidado com as algas verdes — falso conto policial.....	269

cuidado com as algas verdes

falso conto policial

Durante dezasseis anos trabalhei no Instituto Nacional do Ambiente Industrial e da Segurança Sanitária no Trabalho, sentada à mesma secretária, no mesmo gabinete, e reportando-me sempre ao mesmo chefe.

Os meus dias passavam-se a ler relatórios, conferir dados, instruir processos, dar pareceres, e presumo que o fizesse bastante bem pois era raro que o meu superior hierárquico e Director do Serviço tivesse dúvidas a esclarecer antes de dar o despacho final.

Digo-o sem qualquer espécie de orgulho: ele confiava em mim mais do que nele próprio, o que perde toda a importância se tivermos em conta que não passava de um homenzinho tristonho e banal, esmagado por uma vida cheia de preocupações medíocres numa família em que achava que não era respeitado.

Eu tratava-o com deferência e evitava as conversas pessoais e aproximações escusadas para que ninguém, se fôssemos interrompidos, pudesse insinuar

que nos vira numa atitude comprometedora. Deste modo, frustrada a expectativa de eu lhe servir de consolo como amante ocasional, ele habituara-se a ver em mim a máquina de pensar que lhe permitia viver imerso nas suas estéreis cogitações e eu, quando era admitida no seu gabinete, tinha a impressão de estar a ver uma grande ave empalhada que alguém colocara sobre a secretária e aí esquecera ao limpar o pó da estante.

Um dia chamou-me pelo telefone interior a uma hora pouco habitual. Em cima da secretária estava um jornal aberto, e não era na página desportiva.

Quando entrei, ele estava a abanar a cabeça, com os lábios contraídos num rictus de indignação, e a dar pancadas com o punho sobre uma notícia qualquer, que se percebia logo ser o motivo desta pequena rábula em que aplicara o melhor do seu talento histriónico. Perguntou-me se já estava ao corrente e eu limitei-me a acenar negativamente, pretendendo demonstrar-lhe que achava a pergunta estúpida e inútil uma vez que nem sequer sabia a que assunto se referia. Virou então o jornal ao contrário e recostou-se no assento enquanto eu corria rapidamente os olhos pelo texto.

Tratava-se da morte de um adolescente numa praia da costa atlântica (o melindre da questão obriga-me a ser evasiva quanto aos lugares e datas destas ocorrências), vitimado por um ataque cardíaco que relacionavam com a inalação de hidrogénio sulfuroso, o qual se devia à proliferação de algas verdes, por

sua vez resultante da criação intensiva de porcos que os partidos verdes têm vindo a denunciar como perigosa para a saúde da população. Três anos antes, a Associação da Luta contra as Algas Verdes cavalgara a crista da onda ao publicar uma extensa reportagem sobre a hecatombe de um rebanho de ovelhas que se tinha afundado na lama verde, atirando-se, como que num suicídio colectivo, de uma escarpa que avançava sobre a mesma praia.

Efectivamente, parece estar provado que a proliferação de algas verdes se deve ao azoto e ao fósforo provenientes dos dejectos dos porcos, usados como adubo, que se infiltram no solo e acabam no mar. Partir-se daí para concluir pelo extermínio das ovelhas devido a gaseamento tem, quanto a mim, qualquer coisa de ficção científica, sem esquecer que ovelhas são ovelhas, e assim também o entendera o lobby do porco que, no entanto, se apressara a calar o dono das ovelhas com uma choruda indemnização.

Mas agora a questão adquirira outros contornos pois estava em causa uma vida humana e o que começara como um fait-divers ameaçava tornar-se a faúlha incendiária que ia desencadear um longo processo acusatório. Só faltava apontar o dedo ao Instituto que tutelava esses assuntos, como se fôssemos autores morais do crime por não termos tirado todas as consequências dos indícios que apontavam para as probabilidades de um tal desfecho.

Claro que a Associação dos Amigos do Porco ia reagir com a virulência habitual, e na batalha verbal

contra os Verdes era de prever que saíssem no mínimo empatados. Safara (nome fictício), a cidade sede do concelho com o mesmo nome a que pertence a praia tornada tristemente célebre por causa destes eventos, sobrevive economicamente (e consta que muito bem) à custa da criação de porcos, dez porcos por habitante, o que, se pensarmos na baixa demografia e reduzida área do concelho, se presta a comentários irónicos que, neste momento e neste contexto, são perfeitamente desadequados. Portanto, não custa a perceber que contra os brados indignados dos Verdes se erga a muralha de silêncio dos munícipes, habituados a um nível de prosperidade muito acima do dos concelhos vizinhos. Não esqueço o que ouvi a um funcionário do Instituto que lá foi de passeio com a família e voltou a dizer que, se não fosse ter a sua vida organizada em Lisboa, mudava-se já de armas e bagagens para aquele paraíso hospitaleiro. Quando lhe falei nos porcos interrompeu-me logo: queria lá saber dos porcos!, rodeado de porcos vivia ele em Lisboa. Ali havia bons ares, boa comida, ruas limpíssimas, paisagens repousantes, gente calma e civilizada. Ali não ouvira uma palavra contra os criadores de porcos que tinham dado empregos e riqueza à região mas em contrapartida, a propósito de qualquer assunto, havia sempre alguém a louvar o empenho e a capacidade de realização do Presidente da Câmara.

A morte do adolescente, porém, ressuscitava velhas querelas que queríamos esquecidas. De repente, o meu melancólico Director transformara-se num Chefe

autoritário e pragmático que queria a todo o custo e rapidamente deslindar a mealha e ver resultados, como se fosse só escolher entre as duas versões, homicídio por negligência ou acidente, em vez de gerir com pinças um caso de contornos intrincadíssimos.

Disse-me que ia mandar alguém investigar o que se passava no local e que, passando em revista todos os funcionários dos departamentos sob a sua jurisdição, só uma pessoa lhe parecia à altura da tarefa: eu. Não duvidava de que a missão tinha os seus riscos e, sob esse prisma, um homem habituado a manejar uma arma seria a escolha mais óbvia, mas esses riscos, paradoxalmente, era a sua convicção, quase se anulavam se o agente anónimo fosse uma mulher.

Sorri interiormente da candura da lisonja que de qualquer modo vinha ao encontro do que eu pensava sobre a minha prudência e sagacidade. Na minha decisão pesou também, não nego, a curiosidade de conhecer Safara, as suas propaladas belezas naturais e não só a duvidosa riqueza que lá se respirava, e já agora o seu herói local, o Presidente da Câmara, nimbado de uma fama não menos duvidosa e que tudo indicava estar no cerne da questão.

Combinámos que a minha missão não teria carácter oficial e que só poderia contar com os meus olhos e ouvidos, os quais, subentende-se, tinham de ser capazes de ver muito mais do que a face visível das coisas e ouvir muito mais do que as ondas acústicas captadas pelos ouvidos do comum dos mortais. Para não levantar suspeitas e por conveniência dos serviços,

dispunha apenas de quatro dias incluindo o fim-de-semana e pagaria as despesas do meu bolso, mas a minha disponibilidade não seria esquecida quando surgisse a hipótese de uma promoção.

Parti, portanto, para Safara, uma viagem sem história, cento e cinquenta quilómetros de auto-estrada e mais quarenta por uma estrada secundária de óptimo piso que corria em linha recta através de uma paisagem de olivedos e montados. Levava comigo duas moradas: a da casa de turismo de habitação onde reservara um quarto e que dava pelo nome de Horta das Pedras Juntas e a do Clube do Amigo do Porco, onde só entravam sócios ou amigos dos sócios, pelo que teria de travar conhecimento prévio com alguém que se propusesse levar-me nessa qualidade. Levava também um mapa detalhado da cidade e uma lista telefónica subtraída de uma estação de correios, pois continuo a achá-las um instrumento de pesquisa utilíssimo que as modernas tecnologias não conseguiram substituir.

Cheguei a Safara ao princípio da noite, precisamente à hora em que os candeeiros de iluminação pública, dispostos ao longo da extensa avenida que fora recentemente construída para dar um acesso digno à cidade, começavam a irradiar uma claridade leitosa dos seus globos brancos. Era impossível não pensar no montante exorbitante da factura energética e extrair conclusões sobre a megalomania do homem que estava há dezassete anos à frente da Câmara de Safara, mas tive de reconhecer que uma cidade que se apresenta assim escolheu fugir ao destino mesquinho

das pequenas cidades do interior e só por isso merece alguma indulgência. A avenida acabava numa rotunda projectada a uma escala grandiosa, cujo centro era ocupado por uma escultura monumental em ferro de duas figuras, um homem e uma mulher em posições vagamente acrobáticas, com aquele característico alongamento das formas, reduzidas à sua essencialidade, que fez escola desde Giacometti e já não se estranha encontrar seguidores no mundo rural.

Da rotunda partiam quatro estradas iluminadas como se fossem pistas de aterragem e uma rua ascendente que rasgava a colina onde a cidade nascera à sombra tutelar do castelo, o qual, graças aos prodígios da luminotécnica, parecia elevar-se no ar e ficar em suspenso, como uma projecção cinematográfica estranhamente fixa e sem revérbero.

A minha ideia inicial tinha sido dirigir-me directamente para a casa de turismo de habitação onde reservara alojamento mas, na altura de tomar a direcção que me afastava do perímetro urbano, uma curiosidade irreprimível fez-me voltar atrás, contornar a rotunda e subir a tal rua ascendente que me conduziria ao casco antigo, com as suas ruas centenárias e o bem conservado centro histórico que no Verão atraía tantos forasteiros à cidade. Quando já estava perto estacionei o carro numa praceta, tendo o cuidado de me certificar de que não havia nenhum sinal de proibição à vista, e pus-me a caminhar com passo determinado, para que os raros transeuntes com quem me cruzava me tomassem por uma habitante da cidade e não me

Teresa Veiga nasceu em Lisboa em 1945. Licenciada em Direito e mais tarde em Literaturas Românicas, exerceu por um breve período de tempo a actividade de conservadora do Registo Civil.

É autora de seis livros, entre volumes de contos, novelas e romances: *Jacobo e Outras Histórias* (1980), *O Último Amante* (1990), *História da Bela Fria* (1992), *A Paz Doméstica* (1999), *As Enganadas* (2003) e *Uma Aventura Secreta do Marquês de Bradomín* (2008).

Gente Melancolicamente Louca marca a estreia da autora na Tinta-da-china.

gente
melancolicamente louca

foi composto em caracteres Hoefler Text
e impresso pela Rainho&Neves, Artes Gráficas,
sobre papel Coral Book de 80 gramas,
em Fevereiro de 2015.

NESTA COLECÇÃO

O Retorno *Este Samba no Escuro*
Dulce Maria Cardoso Raquel Ribeiro

Quando o Diabo Reza *Hotel*
Mário de Carvalho Paulo Varela Gomes

Dezoito Palavras Difíceis *Habitante Irreal*
Luís Rainha Paulo Scott

E a Noite Roda *Tudo São Histórias de Amor*
Alexandra Lucas Coelho Dulce Maria Cardoso

De Mim já nem Se Lembra *O Chão dos Pardais*
Luiz Ruffato Dulce Maria Cardoso

Dois Rios *Os Meus Sentimentos*
Tatiana Salem Levy Dulce Maria Cardoso

O Verão de 2012 *O Osso da Borboleta*
Paulo Varela Gomes Rui Cardoso Martins

Diário da Queda *O Meu Amante de Domingo*
Michel Laub Alexandra Lucas Coelho